

AINDA UM CERRADO CULTURAL

MARCILIO FARIAS

Por que Brasília, com as facilidades que sua arquitetura e sua concepção urbanística lhe deram, com os órgãos culturais todos centrados e pilotizados aqui, com todas as possibilidades reais (e econômicas) de se tornar um pólo irradiador de cultura, até hoje não o é, mal ultrapassando as barreiras de um subcolonialismo umbilical que a liga irremediavelmente ao eixo Rio-São Paulo?

Esse tema foi levantado ao longo deste ano em todos os debates onde esteve presente a preocupação com "os destinos da cidade".

Uma pesquisa de dois dias a fontes que remetem a novas pesquisas e, finalmente, divisa - se algum parâmetro analítico. Por que Brasília não é um pólo irradiador de cultura?

O primeiro quadrante dessa varrida vai na direção do projeto, do objetivado, e do consecutado atualmente.

"Cidade planejada para o trabalho ordenado e eficiente, mas ao mesmo tempo cidade viva e aprazível, própria ao devaneio e à especulação intelectual capaz de tornar - se com o tempo, além de centro de governo e administração, num foco de cultura dos mais lúcidos e sensíveis do país".

Esse trecho (do projeto - piloto de Lúcio Costa) coloca em evidência dois aspectos atualíssimos: Brasília já é de fato e de direito a capital deste país. Já é o centro do Governo - isso é inquestionável. O tempo que levou para se consolidar como capital do Estado foi mais do que suficiente para sua transformação em pólo cultural. Tal último lance, não aconteceu. A primeira razão está justamente na ocorrência política; na transmutação política processada quase que justamente ao tempo em que a cidade dava sua arrancada. O processo cultural é sempre (e isso a história da Cultura pode facilmente provar e comprovar) o primeiro sacrificado quando a transmutação do processo político é desencadeada.

Paralelamente a isso, temos um desvirtuamento, ou melhor, um desvio dos critérios para a arquitetura nacional. Ela, após a Revolução de 1964, passou por um processo reavaliativo. José Galbinski, da Universidade de Brasília, definiria assim esse processo que iria, na sequência, entrar - e muito - o desenvolvimento da cidade como elo codificador/radial de cultura:

"Após 1964, o contexto em que se desenvolvia o debate da arquitetura modifica - se totalmente. Da mesma forma, o amparo oficial em que sempre se embalara a arquitetura brasileira desde o Estado Novo é suspenso. Deve - se este fato às implicações de um conflito de objetivos estabelecidos entre a nova política econômica e as motivações sociais da arquitetura de vanguarda".

Brasília, como projeto resultante de um fluxo que começou com as rupturas do Bauhaus mais as teses de Corbusier e Gropius, foi totalmente crivada pelo novo direcionamento, mais ligado às necessidades sócio-econômicas da época. A ênfase toda foi dada à construção civil, aos aspectos pragmáticos dessa técnica da engenharia. O importante era "erigir" e não "esculpir" - a arquitetura não deixa de ser uma espécie de escultura/escritura dos sólidos no espaço.

É ainda Galbinski que fornece mais indicações historiográficas:

"Essa reversão do processo evolutivo da arquitetura teve graves consequências. Houve um truncamento violento no processo de desenvolvimento do pensar arquitetônico e não só do pensar mas do fazer que se iniciava: foram desviados investimentos programados para pesquisas de ponta no setor da construção civil; as experiências de Brasília foram praticamente suspensas, as novas obras em pré-moldados perderam sua transcendência e significado maiores para reduzi-las - se a uma mera questão de custo - benefício da obra isolada". (Trecho anterior a este, extraído de "Comentários sobre a Arquitetura Brasileira após Brasília", por José Galbinski apud. Anais - X Congresso Brasileiro de Arquitetos).

Ao mesmo tempo que isto, temos o próprio processo dinamizador de cultura estagnado na cidade. E aí o fator **campus** é determinante.

"A Capital, cidade funcional, deverá além disso, ter expressão arquitetural própria. Sua principal característica é a função governamental. Em torno dela se agrupam todas as outras funções. E para ela tudo converge". (Anais - Concurso para o Plano Piloto da Capital Federal, set. 1956).

O convergir e o irradiar são funções naturais do ser da **urbal**. Ou melhor, funções do ser **orbital**. O Brasil, me falava o arquiteto e designer Cléber Costa, é uma série indefinível de "culturas", de cristalizações de "folks" enormes e incontáveis. A partir daí, o dado cultural passa a ser essa própria multiplicidade de vozes, de linguagens expressivas da cultura.



Lúcio Costa: e o foco de cultura?

Para a cidade convergiu todo o pensamento nacional. A universidade, por exemplo, interviém aí como fator originariamente pesquisador e difusor da cultura. Como órgão centralizador (tanto discentemente como docentemente falando) seria a geratriz de todo o processo experimental da cultura, que é o processo analítico e crítico. A experiência cultural se define a partir da análise e da crítica - essa é a única experiência cultural possível.

Marchas e contramarchas tolgem o que fora projetado para a universidade. E com isso, a cidade mais uma vez teve de ser forçada a recorrer ao produzido - expressado no único eixo potencialmente ativo em termos de expressão/produção de uma crítica (nem sempre saudável, nem sempre justa) cultural: Rio-São Paulo. O tema Universidade é hoje evitado. Não sem razão, haja vista todos os problemas envolvendo a entidade desde 1968 - data que marcou bem o retrocesso no plano original, de uma universidade eminentemente crítica.

Mas o tema cultural segue o caótico-mosaicado da própria nação. Aquelas muitas vozes.

O mais curioso: Sir William Holford dizia em carta a Israel Pinheiro, datada de 18 de março de 1957, sobre o projeto da cidade:

"É a melhor idéia para uma capital unificada e a contribuição mais interessante e significativa que já foi feita neste século para a teoria moderna do urbanismo. (...) Cada setor da cidade tem o seu lugar certo e um setor leva, naturalmente, e de forma muito imaginosa, ao setor seguinte".

A idéia de integração setorial nunca passou de um sonho. Um sonho depositado em algumas linhas de bela ideação. De fato, a integração setorial na cidade não foi posta dentro da "funcionalidade" que seria desejada.

O motivo dessa não-integração (Brasília ainda possui zonas estanques) remete por sua vez à questão pluri-repertorial: os ecos das muitas vozes.

A cidade trouxe para seu bojo um contingente gordíssimo de incontáveis repertórios culturais. De todas as regiões, de todas as formações econômicas, de todas as tradições sócio-políticas. Reuniram-se, aqui, representações reais (pessoas físicas) donas dos mais díspares (e harmônicos, também) repertórios de cultura, padrões de comportamento cultural.

A predominância (dita predominância) do eixo Sul não se deve então a um cacoete cultural apontado sempre por Cassiano Nunes em suas conferências sobre Cultura Brasileira: a cultura dos "mass-media".

O uso indiscriminado dos meios de comunicação e a sua vincu-

lação com os processos do marketing levam a uma junção geográfica cuja base está onde se situam as grandes empresas. Logicamente, no eixo Rio-SP. A partir daí, se processa o ciclo consumista e a estratégica do marketing. A "colonização" (ou melhor, "subcolonização") não é "originária" culturalmente do Sul. Sequer é um lance cultural - muito mais se parece com a padronização orwelliana em doses soturnas de padrões globais. A geometria e a economia tiveram em Brasília um laboratório vivo de como não se estabelecerem relações e de como perverter essas relações.

Numa cidade com um afluxo de habitantes tamanho que já a coloca no rol das capitais com mais de um milhão de habitantes, o burburinho cultural se desencadeia já diante do "Novo" da sua planificação. Talvez seja aqui o único lugar do mundo onde se possa observar a relação profunda entre o homem e a construção que viu nascer e que chama (por razões que só a Antropologia ousa proclamar) de "Lar, Terra Natal".

Nostalgia, em Brasília, adquire feições castroalvianas: passa a ter cheiro de Banzo.

O habitante do Sul, acostumado com o gigantismo da grande cidade ou com o quietismo urbanizado das nossas cidades interiores das zonas periféricas, sente já no visual aquilo que ainda William Holford (um dos mais importantes arquitetos e urbanistas do mundo) relatava impressionisticamente a Israel Pinheiro, em carta de 58:

"De onde quer que se esteja na cidade, e qualquer que seja a direção de onde se vem, o conjunto pode ser apreciado em seu todo majestoso".

O choque do horizonte no contorno das serras, e súbito o choque desse descampado cortado por linhas de aguda retidão. Esse o primeiro choque. Raimonde Lulle ("pai" da semiótica, e de Agostinho) fala que na linha reta ocorre o primeiro contato do homem com o **sentido** da criação. "Ao divisar o ponto" (diz ele em suas "Illuminationes") "é sentir o nosso próprio ponto, nossa unidade". Comparemos esse trecho do sábio medieval com o primeiro item do moderno inovador Lúcio Costa, e veremos que o **estimulância** dos dois é idêntico.

"A cidade nasceu do gesto primário de quem assinala um lugar ou dele toma posse: dois eixos cruzando-se em ângulo reto, ou seja, o próprio sinal da cruz".

Brasília foi uma cidade concebida indo-se à raiz do simples. Acredito que Lúcio Costa conheça

(e bem) essa dimensão. Aliás, o próprio Heidegger - maior cultor do existencialismo simplista - teve conceitos seus (os de Pertinência e Unidade) absorvidos pelo Bauhaus - fonte geradora de toda a moderna arquitetura universal, e não só da arquitetura, mas da Arte Moderna em geral. A **Factory** de Andy Warhol teve também aí o seu início, e com ela toda a Contracultura.

O simples assusta.

"O simples guarda o enigma do que permanece e do que é grande". Essa frase bem que poderia vir apostada ao Plano Piloto de Lúcio Costa, mas é de um opúsculo heideggeriano de 54, "**Der Feldweg**" - O caminho campestre.

Unindo-se todos esses referenciais teóricos teríamos mais um elemento clarificador dos descaminhos da cidade. A dimensão do simples, presente ao planejamento foi assustadora, tanto para os habitantes recém-chegados, como para os construtores. O caráter enfático dado à construção civil nos últimos anos (bem clarificado por Galbinski) foi mero reflexo de todo um choque ... cultural.

"Brasília já é uma expressão nacional, uma fonte de orgulho, um centro urbano no deserto, mas com um **hinterland** de tão infinita riqueza em termos de capacidade hidrelétrica, agricultura, recursos minerais e material humano, que poderá florescer prodigamente" (Sir William Holford in "Arquitetura e Engenharia" - 1977).

O **hinterland** floresceu. Brasília econômica e urbanisticamente já é um dado para a história da humanidade. Não nos esqueçamos que, desde Tebas, não se constrói outra cidade com tamanho porte e dimensões. O desenvolvimento cultural processa-se lento, dominado por uma apatia e uma afasia, quando, na verdade, todos os órgãos ditos "da cultura" aqui se encontram.

O principal dilema se refere à concepção da cidade e à defasagem estabelecida entre essa concepção e a maneira de habitar a cidade - eivada de paradigmas culturais transpolados subitamente para o aberto do cerrado.

João Cabral de Mello Neto em um dos seus poemas ("Uma mineira em Brasília") fala da memória conservando "maneiras de casa de grande fazenda, de copiar, das casarões de almagênea". No fato poemático se reflete todo o drama culturalógico: como fazer ver aos habitantes da cidade o tempo e o espaço em que se movem?

Para sociólogos e antropólogos, a questão é de tempo: com o processo de evolução natural, as pessoas vão absorvendo os signos da cidade. Fruto desse prisma analítico é a programação visual elaborada por Aloísio Magalhães e que já se integrou perfeitamente à elucidação do geometrismo de Brasília.

Se tomamos as análises dos **scholars** temos Cassiano Nunes debatendo justamente a impregnação cultural dos mecanismos mercadológicos a nível nacional - impregnação esta que, como um processo de reação em cadeia, vem escoar justamente aqui, em pleno Planalto Central.

"Parece-me que estamos assistindo, em Brasília, a uma fase vigorosa de formação de um processo que aplicado retrospectivamente à cultura grega deveríamos chamar de arcaico; mas que, nessa época de tecnologia e confusão social, pode ser melhor descrito como a aproximação humanística: a tentativa de interpretação do meio ambiente ainda não bem compreendido e, ao fazê-lo, ampliar as possibilidades de satisfazer à personalidade e à sociedade humana" (Miles Clifford, arquiteto, engenheiro e ensaísta inglês).

A maioria dos intelectuais estrangeiros que visitou Brasília teve intuições idênticas às de Clifford. Divisaram no lance geométrico/geográfico da cidade (todo um novo patamar de conhecimentos, de possibilidades para esse conhecimento).

A defasagem se instaura/instala justamente nos ramais da cultura que efervescem simultaneamente com o crescimento da cidade. Na adequação dos fatores de Desenvolvimento e Crescimento da **Urbil** (a cidade-sistema) aos conceitos inerentes à **Civitas** (a cidade-civilizada). Pode-se perfeitamente dizer que a cidade já é uma **Urbil** mas não se definiu ainda como **Civitas**.

Saindo-se do plano teórico para o prático veremos uma incessante luta para o recrutamento dos movimentos culturais na cidade. Uma mescla incrível de amadoris-

mo e profissionalismo, claudicância e inipiência por um lado, rigor e seriedade do outro.

Assim como a informação cultural é diluída e transmutada no fluxo informático moderno, do mesmo modo a diluição ocorre dentro da cidade e nos processos desenvolvidos a partir da cidade. A adaptação de fórmulas típicas do eixo Rio-São Paulo é quase que um cacoete fixo e permanente em qualquer manifestação cultural que tente ou pense em mobilizar a cidade.

Não há a busca por espaços (muito embora todos reclamem, clamem e conclamem); não há a exploração de novos espaços. Poucos se lembram, por exemplo, que o "Beaubourg" na França só surgiu depois de uma acirrada briga pessoal de Pompidou com toda a "inteligentzia" francesa, que julgava o projeto "uma coisa de loucos, para os loucos". O Centro Pompidou (como é conhecido a fantástica "factory" francesa) ocupou o espaço onde antes se erguia um imenso supermercado. Poucos se lembram, também, que o mais importante acontecimento artístico-musical do século aconteceu numa fazenda (isso mesmo; numa fazenda) em um lugarejo chamado "Woodstock", a poucos quilômetros de Nova Iorque.

Brasília é a cidade do espaço. Huxley, passeando pela Esplanada dos Ministérios, exclamou: "**It's the amplexion of space**", (é o abraço do espaço). Jacobson diviso o equilíbrio de espaços, toda a sua teoria do **signo** e do **syntagma**.

Há que se distinguir duas coisas, em se falando de florescimento cultural da cidade:

1) O processo individual-coletivo da **Urbil**, enfiando-se todos os conflitantes e harmonizantes dos seus habitantes, com todas as idiosincrasias, com todos os sincretismos que aqui explodem e atingem paroxismos que vão do mais alucinado misticismo à mais positivista das ilações. Cada cabeça, cada sentença. A cidade tem isso, inclusive, a seu favor: qualquer pesquisa de âmbito culturalógico, tem aqui, um **cluster** - aglomerado - natural.

2) O processo de dinamização do fato cultural que já envolve lances econômicos e mais das vezes políticos. A cultura, no nosso tempo, tem o seu processo de produção e expressão totalmente ligado e dependente do processo econômico. A famosa questão de verbas em â tona aí. E, ainda nesse âmbito bifurcam-se as solicitações: em Brasília e isso é uma opinião pessoal, o melhor escopo para a produção do fato cultural, é o escopo estatal - que, aliás, acho o ideal para todo o país, por razões geográficas e justamente como preventivo contra boicotes de cunho político.

Em todos esses aspectos, a cidade apresenta-se mais do que viável. Há propostas independentes (e que o são por não terem sido ainda examinadas pelos órgãos públicos que manejam o dinheiro, que é público), como as de Rubem Valentim, com o seu Centro Cultural, obra portentosa e que, no seu ideário, tem justamente a visão em profundidade do tema. Para o mestre Valentim, o seu Centro, representaria justamente o pólo onde se produzisse a crítica e a análise dos temas sincreticos e multifários que bafejam a cidade intensamente.

O que me parece mais evidente, é a incapacidade que se tem verificado até agora para compreender a importância da cidade, como centro gerador. Como dotada naturalmente dos espaços naturais para a Arte, para a Cultura. Ainda estamos longe, pelo menos em intenção, daquele espírito que norteou Niemeyer em sua lúcida clarificação da cidade, escrita há mais de 17 anos:

"Cidade que acredito bela, baseada num traçado humano e realista, enriquecida por uma arquitetura em que está presente, por modesto que seja, o conteúdo de criação indispensável às obras de arte. Cidade de homens felizes; que sintam a vida em toda a sua plenitude, em toda sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas simples e puras - um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade".

Como se vê, o sopro vivificador da cidade, foi um sopro de amor à terra e ao homem. Como se viu na história, o homem não soube retribuir esse amor à terra, nem a si mesmo. Brasília, última Capital do Ocidente, teve e tem, diante de si, todas as possibilidades de mudança. Assim como foi refreada, pode ser desimpedida. Aí, ninguém segurará este Planalto. Isso é certo.